

ANÁLISE VARIACIONISTA DA PRESENÇA DO SEGMENTO LATERAL NA ESCRITA DAS SÉRIES INICIAIS DE CRIANÇAS SERRATALHADENSES

José Robson da Silva (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada)

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (orientador)

RESUMO: O presente trabalho analisa, segundo o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (cf. LABOV, 1972), a realização do segmento lateral [l] pós-vocálico na escrita das séries iniciais de crianças da cidade de Serra Talhada, localizada no interior de Pernambuco. A partir da constatação de que a variação na realização desse segmento lateral também é um fenômeno atestado na escrita (cf. TASCA, 2002), a presente pesquisa partiu da hipótese de que tanto fatores de ordem linguística quanto de ordem extralinguística condicionam a variação na realização desse segmento na escrita (apagamento, vocalização ou laterização). Para fins de análise, foram tomadas como variáveis linguísticas o contexto antecedente, a posição do segmento na palavra e o contexto seguinte. Entre as variáveis extralinguísticas foram consideradas o nível de escolaridade, sexo e idade.

PALAVRAS-CHAVE: Lateral pós-silábica. Variação. Vocalização.

1. Introdução

No Português Brasileiro, a lateral em posição final de sílaba é realizada de forma variável como /l/ alveolar, /ʎ/ velar ou /w/ (variante vocalizada). Nesse sentido, um número robusto de trabalhos (cf. QUEDNAU, 1993; ESPIGA, 1997; TASCA, 1999) apresenta resultados que ratificam caráter camaleônico desse segmento, ou seja, de um elemento sonoro que ora se apresenta velarizado, como em caraco[w], ba[w]de, pape[w], ora apagado como em po[Ø]vo (*polvo*), co[Ø]chão (*colchão*), carrete[Ø] (*carretel*), mas nunca alveolar – que só verifica quando o /l/ ocupa o ataque da sílaba como se observa nos itens como [l]ago, [l]ivre, [l]eite etc., ou o segundo elemento de um ataque complexo como em p[l]ano, at[l]eta, p[l]ástico etc. Não obstante, a variação na realização desse segmento lateral é um fenômeno também atestado na escrita (cf. TASCA, 1999), fato que motivou a realização desta pesquisa.

Pelo viés da sociolinguística, a variação linguística ocorre em função de condicionantes tanto sociais, quanto linguísticos. Partindo desse pressuposto, os objetivos do presente estudo são: apresentar um panorama da realização e /l/ em coda silábica nas séries iniciais; observar a vocalização da lateral na escrita, a partir dos testes de lacuna (escrever palavras sob figuras e palavras incluídas no contexto frasal; analisar a realização do /l/ numa perspectiva variacionista (escolaridade, sexo, faixa etária) e identificar os possíveis fenômenos no que diz respeito à realização do segmento /l/ nos textos narrativos das séries iniciais. O *corpus* desse estudo foi coletado a partir de 24 informantes (crianças com idades entre 7 e 11 anos de uma escola da rede pública situada na zona urbana de Serra Talhada, município localizado no interior do estado de Pernambuco), através da aplicação de testes de lacuna (escrever palavras sob figuras ou palavras que designassem objetos representados por figuras incluídas no contexto frasal. Tais testes aplicados para a composição do *corpus* da pesquisa, estão anexados nas duas últimas páginas deste trabalho).

A lateral /l/ em posição de coda, tem assumido a mesma feição variável em diferentes falares de diferentes regiões. Sabe-se que o falante conhece vários aspectos de sua língua, mas normalmente, não reflete sobre ela, ficando a cargo da linguística fazê-lo de forma sistêmica. Segundo, Cagliari:

A fala realiza-se através de uma cadeia de sons, produzindo um contínuo sonoro de qualidades variáveis ao longo do tempo. Um ambiente fonológico ou contexto é constituído por tudo o que precede ou segue um determinado segmento da fala. (CAGLIARI, 1997, p. 15).

A escrita, tal como a língua, foi tradicionalmente entendida como um sistema estável, em oposição à fala, de natureza instável. Desse modo, a concretização ideal da língua seria efetuada quase sempre na escrita e nunca na fala. Mesmo com o surgimento de estudos sociolinguísticos que revelam a variabilidade da fala, manteve-se, implícita ou explicitamente, o entendimento de que à escrita cabe exercer a função unificadora da língua. Nesse contexto sociocultural e linguístico, aquele que aprende a escrever deverá também aprender a se distanciar de certas características da fala. Por outro lado, ao adquirir a escrita, o escrevente contrapõe os sons de sua modalidade de fala com o sistema ortográfico ensinado pela escola. Surge, então, a heterogeneidade da língua, a começar pelo nível ortográfico. Diante disso, propõe-se como objeto de pesquisa para estudo a observação e análise de processos fonético-fonológicos envolvendo o segmento /l/, como intuito de analisar a realização deste segmento na escrita das séries iniciais de crianças serratalhadenses.

A execução deste trabalho se valeu de fontes: a primeira consta de bibliografia que trata do sistema fonológico do Português Brasileiro, com ênfase na presença do segmento lateral na escrita das séries iniciais e, a segunda, de dados obtidos por meio de testes de lacuna (escrever palavras sob figuras e também escrever palavras que designem objetos representados por figuras incluídas no contexto frasal), contemplando sempre a escrita de vocábulos que tivessem sílabas com a lateral na coda, tanto no interior como no meio da palavra. Os testes foram aplicados no terceiro e quarto ano de uma escola de Serra Talhada, com alunos quem estavam em processo de recuperação paralela no curso, ou seja, discentes que apresentavam baixo índice de aprendizagem. Foram coletados 24 (vinte e quatro) testes de lacuna que formaram o *corpus* do nosso trabalho.

Partimos da observação de que a escrita pode exercer um papel significativo na oralidade. A direção dessa influência ocorre em sentido oposto à tradicional, consagradas nos estudos linguísticos de que a escrita serve apenas de registro convencional da língua falada. Na seção 2 deste trabalho, esboçam-se algumas considerações sobre as consoantes líquidas e laterais, com o intuito de trazer algumas informações que facilitarão a compreensão do estudo, como também apresentar brevemente alguns trabalhos que tratam do fenômeno da variação na realização da lateral alveolar no português brasileiro, enfatizando o processo de vocalização. Na seção 3, apresentamos um panorama dos resultados relativos à presença da lateral em posição de coda, no *corpus* coletado e, por fim, na seção 4, procederemos às nossas considerações finais.

2. Fundamentação teórica

2.1. Sobre as líquidas e laterais

O termo “líquida”, em Fonologia, foi importado da poesia e da filologia gregas. Usado no sentido de ‘instável’, segundo Allen (1973, p. 211), esse vocábulo servia para rotular as classes das laterais, dos róticos e das nasais, tendo sido transplantada para o latim sob a forma de *liquidus*, -a, -um. Considerando a diferença da estruturação silábica no latim e no grego, a palavra *liquidus* passou a se referir apenas às laterais (sons -l) e aos róticos (sons -r), denominações utilizadas com o advento da fonologia gerativa.

Laterais e róticos, de acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), podem ser reunidos num mesmo grupo, uma vez que compartilham de certas semelhanças fonéticas e fonológicas. Segundo esses autores, “foneticamente, elas estão entre as mais sonoras das consoantes orais”,

sendo que “as líquidas constituem uma classe especial na fonotática de uma língua; por exemplo, os segmentos dessa classe são sempre aqueles que ocorrem nos grupos consonantais” (Ladefoged e Maddieson, 1996, p. 182).

De acordo com o UCLA Phonological Segment Inventory Database (UPSID, 1992), as líquidas são muito comuns nas línguas do mundo. Prova disso é que 95.8% delas têm, pelo menos, uma lateral ou um rótico.

Sobre as propriedades articulatórias das laterais, Dickey (1997) afirma que essas são segmentos estritamente linguais. Um modo de articulação lateral se restringe apenas à ponta, à lâmina e ao corpo da língua. Nas línguas do mundo inteiro, diz-nos essa autora, são cinco os pontos de articulação em que as laterais costumam ser produzidas: dental, alveolar, retroflexo, palatal e velar, sendo as laterais aproximantes as únicas que podem ser encontradas em todos os cinco pontos de articulação lateral. Quanto às laterais obstruintes, distribuem-se em quatro tipos, todas emitidas no ponto de articulação alveolar ou dental: um par de fricativas vozeadas e desvozeadas, e um par correspondente de africadas vozeadas e desvozeadas.

Embora a maior parte das laterais sejam coronais (99.2%), algumas podem se realizar como velares ou laterais complexas alveolar-velares. Em se tratando, especificamente, do modo de articulação, a maioria das línguas do mundo (84.0%) tem, pelo menos, uma lateral, e 30.8% mais de uma. Segundo o UPSID, podemos separar as laterais em cinco tipos, em termos de modo articulatório: (1) aproximantes: 72.5%; (2) fricativas: 11.3%; (3) africadas: 4.5%; (4) flaps: 3.4%; e (5) clicks: 4.2%.

Raramente, as consoantes laterais são as únicas soantes em uma língua. Num outro modo de distribuição, podemos separar as obstruintes das soantes, uma vez que as soantes são vozeadas por *default*. Segundo Maddieson (1984), as línguas apresentam soantes desvozeadas apenas quando têm, também, as vozeadas. Da mesma forma, as aproximantes laterais desvozeadas nunca ocorrem em uma língua sem uma aproximante lateral vozeada correspondente. Por outro lado, as fricativas laterais desvozeadas, assim como vários outros tipos de fricativas, podem ocorrer em uma língua desprovida, em seu sistema fonético-fonológico, da fricativa lateral vozeada correspondente.

Para uma melhor visualização dos diferentes tipos de laterais aqui referidos, reproduzimos o Quadro 1 estabelecido por Dickey (1997).

Quadro 1. Tipos de consoantes laterais.

Ponto	Modo				
	Dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar
Aproximantes	l	l	ɭ	ʎ	ʟ
Fricativas		ɬ ɮ			
Africadas		tɬ dɮ			

Fonte: Dickey (1997, p. 11).

Conforme veremos na seção a seguir, o quadro de laterais do português brasileiro é bem mais reduzido do que este.

2.2. Estudos sobre as consoantes laterais no Brasil: perspectiva variacionista

Os diferentes estudos realizados no Brasil sob a perspectiva variacionista reconhecem o comportamento diversificado das consoantes laterais. Vejamos, inicialmente, o quadro referente à Região Sul.

Sêcco (1977), com base em dados do falar pontagrossense, observa que a lateral velar, tanto em posição de coda silábica intravocabular como em posição final absoluta, é a que ocorre com mais frequência. Contudo, mostra-nos ela que existem outras variantes, como as de caráter semivocálico, palatal, alveolar, rótico, ou, então, um zero fonético. As variantes palatal e alveolar, por exemplo, ocorrem em juntas intervocáblicas: *mi[ʎ]ioitenta* e *mi[l]idez*.

A partir de um *corpus* obtido de 28 informantes de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos do Rio Grande do Sul, Quednau (1993) constata que o segmento lateral varia segundo a posição que ocupa na estrutura silábica. Na posição de coda, objeto específico de nosso estudo, a lateral varia entre dorsal [ɭ] e semivogal [w]. Para essa autora, os fatores que contribuem para a variação entre as duas espécies sonoras são, numa escala hierárquica descendente, os seguintes: grupo étnico, acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e sexo.

Segundo Quednau (1993), a passagem de [ɭ] para [w] pode ser definida em termos de regra telescópica, entendendo-se, nos termos de Hyman (1975), citado por Costa (2003), como perda de um estágio intermediário na derivação fonológica entre segmentos.

Em estudo acerca da influência do espanhol sobre o português utilizado na região do Chuí, Espiga (1997) chega aos mesmos resultados de Quednau (1993), que revelam uma variação entre [ɭ] e [w], com predomínio de uso da primeira. Estendendo sua análise aos dados obtidos na região de Santa Vitória do Palmar, Espiga (2002) se depara com um quadro de ocorrência de todos os estágios da regra telescópica relativa à consoante lateral, com predominância de emprego da variante alveolar:

Ao pesquisar a variação da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços dos Campos Neutrais, detectou-se que o estágio primitivo da regra telescópica [...] está presente em dialetos brasileiros de fronteira, por influência do contato com o Espanhol, onde tal alofone predomina. Na região dos Campos Neutrais, o dialeto da comunidade do Chuí, situada junto à linha de fronteira do Brasil com o Uruguai, apresentou para a variante alveolar, índices maiores do que os registrados no dialeto de Santa Vitória do Palmar, mais distante daquela divisa. [...] A pesquisa ensejou, ainda, propor que um alofone coronal velarizado e labializado (forma [lw]) esteja presente no sistema, a ser posicionado, na regra telescópica, como estágio intermediário entre o segundo e o terceiro estágio da regra, isto é, entre o alofone velarizado (forma [ɭ]) e a semivogal (forma [w]). (ESPIGA, 2002, p. 50)

Ainda no âmbito da Região Sul, temos o trabalho de Tasca (1999) que, a partir de dados coletados nas cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja, conclui que, exceto em Porto Alegre, onde a vocalização da lateral já está em andamento, nas demais localidades a preservação da lateral é um fenômeno generalizado, embora apresente variação entre a velar e a alveolar.

Com base nos resultados obtidos por Quednau (1993), Espiga (2002) e Tasca (1999), essa mesma autora conclui que:

[...] foi-nos possível verificar, de modo mais consistente, a presença de uma regra telescópica que a história registra e que se desenvolve nas seguintes etapas: etapa 1 – a lateral alveolar [l] figura em qualquer posição; etapa 2 – na coda, o alofone alveolar [l] é substituído pelo alofone velar [ɭ]; etapa 3 – na coda, a variante velar

[ɫ] é substituída pela variante velarizada-labializada [lw]; etapa 4 – na coda, a forma velarizada-labializada [lw] é substituída pelo glide posterior [w]. Em qualquer fase, a variação, como sinal de mudança, pode estar presente. (TASCA, 2002, p. 297)

Até aqui, apresentamos trabalhos sobre a variação da lateral em falares de comunidades do Sul do Brasil. Passemos, agora, a estudos que nos revelem a situação vigente nos estados do Rio de Janeiro e na Bahia, acerca desse mesmo fato e sob a mesma perspectiva variacionista.

Callou, Leite e Moraes (1998), por exemplo, apoiados em dados do Projeto NURC, concluem que o processo de vocalização da lateral parece ter tido início entre os séculos VI e VII d.C., sendo verificado, ainda hoje, no português, em contextos diversificados. Confrontando os dados obtidos na década de 1970 e de 1990, essas autoras concluem que os resultados concernentes à vocalização da lateral /l/, nas áreas então investigadas, permanecem quase que inalterados, o que caracteriza uma mudança já efetivada.

Quandt (2004), analisando o comportamento da lateral em posição de coda, na fala de treze comunidades pesqueiras do Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, constata que a vocalização é a variante mais produtiva, embora outras variantes também sejam encontradas: zero fonético [Ø], tepe [ɾ], retroflexa [ɭ], lateral velarizada [ɫ], rótico aspirado [h] e lateral alveolar [l].

Quanto ao Estado da Bahia, lembremos, aqui, o trabalho de Teixeira (1995), que, utilizando dados da comunidade de Monte Santo (BA) e avaliando a ocorrência da lateral no interior e no final de palavra, constata a existência das variantes [ɫ], [w] e [Ø]. Segundo os resultados obtidos, os falantes mais jovens estão priorizando o uso da variante vocalizada [w] em detrimento da forma velarizada [ɫ] e do zero fonético.

Vistas, pois, acima, algumas das análises de linha variacionista acerca do estatuto da consoante lateral no português falado em certas regiões do Brasil, consideremos, a seguir, os estudos que nos mostram a situação vigente em outras línguas.

2.3. A situação lateral /l/ em outras línguas

Observando, de início, uma vez mais, o Quadro 1, exposto anteriormente, chama-nos a atenção o fato de que nele não se registram todas as possibilidades de variação da lateral, mas apenas aquelas que se realizam como lateral propriamente dita.

Num primeiro momento, isso nos leva a supor que a vocalização da lateral é um processo peculiar ao português do Brasil – o que não é verdade. Em seu estudo sobre as laterais, a própria Dickey (1997, p. 37-38) apresenta evidências comprobatórias da ocorrência de tal fenômeno em outras línguas do mundo.

Segundo a autora, no polonês, por exemplo, tanto em fases pretéritas como atualmente, é muito comum encontrar “laterais tornando-se vogais posteriores e [w]” (p. 37-38). Embora em inúmeras línguas, “muitos casos de vocalização da lateral ocorram na posição de coda, sempre que a lateral é velarizada nessa posição” (p. 37-38), no polonês, a lateral não é velarizada, mas, sim, vocalizada em todas as posições da sílaba.

Do mesmo modo, no catalão, segundo Alcover e Moll (1968), citados por Dickey (1997), houve uma mudança da coda [l] da modalidade *standard*, para a coda [u] no dialeto balear. Esse mesmo tipo de mudança se deu em outras línguas românicas, dentre as quais, o francês antigo do norte e do sudeste da França.

Na sincronia presente, afirma-nos Johnstone (1975), citado por Dickey (1977, p. 38), “encontramos alternâncias entre [l] ~ [w] em mehri (língua Semítica do sul da Arábia)”. Para

esse autor, um [l] subjacente na raiz se superficializa como [w], quando se encontra em posição de coda.

Dickey (1997), procurando uma explicação fonológica para essa alteração, afirma que tanto o catalão balear como o mehri exibem simplificação da coda. No catalão, o processo é histórico, visto que o nó coronal de todas as laterais se perdeu na posição de coda. Sincronicamente, entretanto, nos diz essa autora, “não vemos evidência de alternâncias entre [l] e [w]. Contudo, em mehri, há clara evidência de uma simplificação da coda. O nó coronal da lateral se perde nessa posição, deixando apenas o nó dorsal. Este segmento dorsal, então, é superficializado como [w]” (p. 39).

Confirmada a ocorrência da vocalização em outras línguas, e testemunhada a mesma alteração no Brasil, podemos concluir que tal processo não é recente em nossa língua. Isso serve para confirmar a observação de Demasi (1995, p. 116), de que a vocalização da lateral é um processo muito antigo, já registrado no período latino e em diferentes períodos da história de muitas línguas românicas o que vem confirmar as conclusões apresentadas em inúmeros trabalhos realizados sob outra perspectiva que não a variacionista, dentre os quais, os dos seguintes autores: Marroquim (1934); Teixeira (1938); Nascentes (1953); Silva Neto (1970); Lausberg (1974); Nunes (1975); Amaral (1976), Coutinho (1976), entre outros.

3. Análise de dados

Os segmentos consonantais no Português Brasileiro (PB) são distribuídos de acordo com sua posição na estrutura silábica. Assim, seu número varia consideravelmente de acordo com o lugar que ocupa no interior da sílaba: CV, CCV e CVC. Entre as consoantes de nossa língua, interessa-nos, aqui, a consoante /l/ realizada em posição de coda, posição essa que, segundo já observado por Câmara Jr. (1977), pode ser preenchida por uma dessas quatro consoantes: “/s/, /n/, (/l/), /r/”. Inúmeros trabalhos de cunho variacionista já realizados sobre a lateral na posição de coda (QUEDNAU, 1993; ESPIGA, 1997; TASCA, 1999; QUANDT, 2004; ANDRADE, 2004) apresentam resultados que ratificam seu caráter camaleônico, ou seja, de um elemento sonoro que ora se apresenta velarizado, ora vocalizado, ora apagado, mas nunca alveolar – que só se verifica quando /l/ ocupa o ataque da sílaba ou o segundo elemento de um ataque complexo.

Nosso objetivo é apresentar a variação da lateral /l/, em posição de coda, através de uma análise de dados de língua escrita produzida por alunos do terceiro e quarto ano do ensino fundamental do município de Serra Talhada. Uma das nossas hipóteses é que os resultados aqui obtidos venham ratificar o padrão nacional, prevalecendo a forma vocalizada em detrimento das demais. Outra hipótese é que o apagamento da lateral e a alternância de < l > ~ < u >, e < u > ~ < l >, estejam condicionados pelos fatores extralingüísticos: sexo, escolaridade e idade.

A tendência revelada pelos dados da pesquisa evidencia que os alunos tendem a preservar o segmento e a vocalizá-lo diante das vogais baixas: baixa [a] (51%), e da média baixa [ɛ] (64%), confirmando a influência da qualidade dessas vogais na vocalização da lateral na coda. Já em relação à vogal média alta [o], a pesquisa mostrou que o segmento é favorável ao apagamento (79%).

A posição em que a lateral ocorre na palavra também parece ter alguma relação com a ocorrência dos fenômenos: o contexto final da palavra revelou-se mais favorável tanto à vocalização (58%), quanto à preservação do /l/ (33%). Em se tratando do contexto interno, mais comumente a tendência será o apagamento da lateral (48%).

Entre as variáveis extralingüísticas, pudemos verificar uma tendência maior de informantes do sexo feminino a realizarem mais a forma padrão (realização da lateral) do que o sexo masculino.

Conforme pudemos observar, a realização das variantes encontradas na escrita das crianças serratalhadenses parece estar condicionada, sobretudo, pela co-atuação de três tipos de fatores extralingüísticos: sexo, idade e nível de escolaridade, bem como aos fatores lingüísticos contexto antecedente e posição da ocorrência da lateral na palavra.

4. Considerações finais

Como vimos nos estudos variacionistas elencados neste trabalho, podemos observar que a variável escolaridade tem considerável influência sobre as taxas de aplicação de uma gama de fenômenos variáveis. Esse papel pode estar correlacionado com a função social que a escola exerce, como promotora dos falares típicos dos setores mais intelectualizados da sociedade. Observamos, contudo, a existência de um conjunto de fenômenos para os quais a escolarização não tem - ou não tem apenas - a função de suprimir variantes estigmatizadas. Nesses casos, o papel da escola se manifesta na familiarização dos indivíduos com a escrita. A língua escrita, com alguma razão, é tradicionalmente vista como um registro da língua falada, embora a relação entre os dois domínios não seja isomórfica. Sabemos que a fala é prioritária em relação à escrita, no entanto, a relação não parece ser unilateral.

Nota-se que, a partir do domínio do código escrito, a consciência ortográfica passa a determinar comportamentos lingüísticos na fala. Evidencia-se que, embora a escrita seja alimentada pela fala, já que aquela é, em princípio, uma mera representação desta, há um estágio pós-letramento, em que a fala passa a sofrer influências do código escrito. Assim, podemos pensar que o ensino da escrita é uma das pressões que concorrem para a homogeneização das variantes lingüísticas, já que a consciência ortográfica parece ser um fator determinante na frequência de escolha de formas fonéticas mais aproximadas da língua escrita, na medida em que aumenta o nível de escolarização dos falantes.

Na análise do *corpus* da escrita de crianças serratalhadenses, com níveis de escolaridade entre o 3º e 5º ano, foram identificados os seguintes processos fonético-fonológicos: a alternância de < l > ~ < u > e de < u > ~ < l >, isto é, a vocalização da lateral, o apagamento do segmento em questão tanto no contexto interno quanto no final da palavra, a “hipercorreção”, entre outros fenômenos fonético-fonológicos que envolvem outros segmentos fonológicos.

Portanto, conclui-se que os informantes em estudo realizaram uma série de fenômenos em relação ao segmento /l/, bem como outros fenômenos extralingüísticos que não se relacionam com o segmento em questão. Essa sucessão de variedades registradas no *corpus* analisado corresponde de maneira peculiar à realidade em que se encontram estas crianças no que diz respeito à escolaridade, por estarem em recuperação parcial, bem como a própria dinâmica da língua.

Referências

ESPIGA, J. **O português dos campos neutrais: um estudo sociolingüístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

HORA, Dermeval. **Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º sem. 2006. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621143611.pdf. Acesso em: 24/06/2010

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. - I. 2ª ed. SP: Cortez, 2001.

QUEDNAU, L. R. **A lateral pós – vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. **A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/9/artigos/revel_9_a_influencia_da_variavel_escolaridad e.pdf. Acesso em: 25/06/2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

TASCA, Maria. **A presença da variação do segmento lateral na escrita das series iniciais**. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Org.) **Sociolingüística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. 288p.

TASCA, Maria. **Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica**. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXOS

Figura 1.

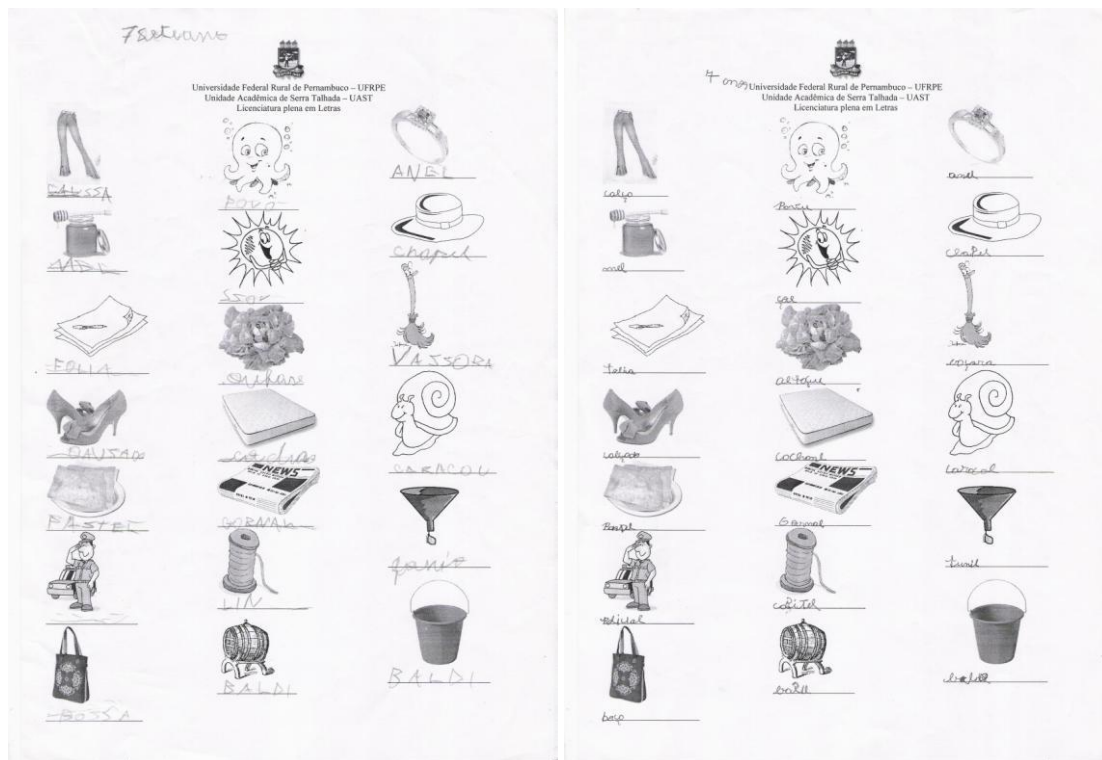


Figura 1. Testes de lacuna (escrever palavras sob figuras) aplicados para coleta de dados no 3º ano do Ensino Fundamental

Figura 2.



Figura 2. Testes de lacuna (escrever palavras que designassem objetos representados por figuras incluídas no contexto frasal) aplicados para coleta de dados no 4º ano do Ensino Fundamental.